

Henrique C. de Lima Vaz

A Universidade na Cultura Contemporânea

1. Uma idéia central inspira estas páginas, deliberadamente esquemáticas: ¹ em razão da sua própria natureza de instituição ordenada à produção e comunicação do saber científico, ² a Universidade apresenta-se como a projeção, em modelo reduzido, do mundo de cultura da sociedade contemporânea, exatamente na medida em que este mundo eleva-se a um plano *reflexo* de explicação, justificação e comprovação crítica das suas estruturas de racionalidade. Admite-se, desta sorte, que o grupo social instituidor da Universidade nela projeta toda a área da sua cultura, configurando um espaço fechado no qual se reproduz, como em escala cartográfica, o relevo próprio dessa cultura — suas regiões, acidentes, vias de comunicação, particularidades, oposições.

2. Portanto, é no terreno dos problemas que se articulam no interior da nossa cultura que a situação da Universidade é aqui discutida. Supõe-se que tais problemas encontram uma forma própria

de expressão e reflexão, a partir da prática cultural da sociedade, no que se poderia denominar o seu "saber reflexo" (saber técnico, prático ou propriamente teórico)³ e que, na tradição ocidental dos últimos sete séculos, a Universidade apresenta-se como o lugar privilegiado onde esse "saber reflexo" se elabora e se distribui. Admite-se, por outro lado, que a crise reconhecida e amplamente discutida da Universidade do mundo contemporâneo, tem lugar exatamente no domínio desse "saber reflexo". A hipótese aqui proposta é a de que a razão desta crise decorre da evidente inadequação do modelo clássico da Universidade, que sobrevive quase intacto, para *refletir* um mundo de cultura que se transformou prodigiosamente. Essa hipótese é sugerida pelo paradoxo de uma Universidade que apresenta uma estrutura de organização agressivamente moderna habitada por uma consciência cultural decididamente arcaica. Para ficar na comparação inicial: é como se uma equipe de geólogos e geógrafos, munida de aparelhagem sofisticada, teimasse em usar um velho mapa para guiar-se através de um terreno que sismos profundos abalaram e transformaram.

3. Como instrumento conceptual para discutir a situação de crise da Universidade no mundo da cultura contemporânea, sugere-se aqui a noção de "universo cultural". Com efeito, a nossa cultura pode ser descrita como uma constelação de "universos culturais" cujas fronteiras podem ser traçadas com suficiente precisão, e que apresentam formas e níveis diversos de interação. Uma teoria unificadora desses universos (ou uma teoria satisfatória da cultura contemporânea), não parece ainda possível. Não obstante, a noção mesma de "universo cultural" é capaz de prestar-se a um uso heurístico fecundo, e se tenta aqui aplicá-la ao problema das relações entre Universidade e cultura.

3.1. Os limites do *universo cultural* não se traçam no campo de uma *teoria dos objetos* de cultura (espírito objetivo), ou de uma teoria da *consciência* cultural ou da atividade criadora de cultura (espírito subjetivo, consciência histórica), mas no terreno das condições de uma *prática cultural* que implica, sem dúvida, um momento teórico (que pode ser explicitado por uma reflexão adequada), conquanto se defina, primariamente, como um procedimento social global ordenado a instituir efetivamente os diversos

1. Trata-se de um texto para discussão, proposto ao 2.º Encontro da Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas (ABESC) em Belo Horizonte, em janeiro de 1975.

2. Ver Lima Vaz, H. C., *Cultura e Universidade* (Educar para a vida, 10), Petrópolis, 1966.

3. Sobre essa divisão na cultura atual, ver Habermas, J., *Theorie und Praxis*, 3.ª ed., Neuwied/Berlin, 1969, 231-257; id., *Technik und Wissenschaft als "Ideologie"*, Stuttgart, 1968.

tipos de mediação social que constituem o mundo do homem como mundo de cultura.

3.2. Na medida em que se considera o *universo cultural* desde o ponto de vista de uma *prática* cultural determinada, dá-se relevo ao seu aspecto histórico-social ou à sua feição *ideológica* e as questões que se colocam em torno da sua significação dizem respeito, predominantemente, aos *interesses* sociais cuja mediação se opera através de tais universos culturais: dominação, legitimação, justificação, contestação, etc...

3.3. Se se considera o *universo cultural* desde o ponto de vista da *teoria*, que nele pode estar presente de modo apenas *implícito* (não há prática cultural, por definição, sem momento teórico) ou de modo explícito ou reflexo, dá-se relevo ao seu aspecto *formal* ou à estrutura interna de representações e conceitos ou ao aparato instrumental (instrumentos materiais ou lógicos) de que tal universo cultural é dotado.

3.4. Eis as características fundamentais do *universo cultural*:

3.4.1. Sua unidade é determinada a partir de um tipo de *prática cultural* (p.ex., a prática cultural da *profissão*) e se explicita seja *ideologicamente*, segundo os interesses sociais que movem tal prática, seja *formalmente*, segundo o tipo de estrutura ou de *lógica* interna a que obedece.

3.4.2. A unidade *ideológica* e a unidade *formal* do *universo cultural* situam-se em níveis diferentes. A *unidade ideológica* não é autodeterminada no interior do próprio universo cultural ou da prática cultural que o institui, mas deriva de interesse em ação na sociedade, que se servem de tal ou tal prática cultural para se mediatizarem socialmente (p.ex., unidade *ideológica* do universo cultural da profissão não é dada por critérios imanentes à prática profissional mas por interesses que se manifestam no exercício social da profissão e que podem visar até mesmo à transformação das condições sociais desse exercício, como no caso das ideologias reivindicatórias das profissões assalariadas em geral).

Já a unidade *formal* se autodetermina segundo um certo tipo de organização dos elementos do universo cultural ou segundo a sua *lógica*, que é uma lógica *analítica* que ordena a estrutura ou define a forma de organização do universo cultural em questão.

3.4.3. Por definição, não há *prática cultural* e, portanto, *universo cultural*, que não apresente os dois tipos de unidade, a unidade externa *ideológica* (na sua relação com a sociedade global) e a unidade interna *formal*. O primeiro tipo de unidade não depende das opções subjetivas do indivíduo mas da sua inserção objetiva nos campos de interesses em que a sociedade se divide. O segundo

tipo de unidade obedece igualmente às exigências objetivas da prática cultural enquanto ordenada à produção de um determinado objeto de cultura. Não há, pois, *universo cultural* que não apresente, de um lado, uma forma de racionalização *ideológica*, obedecendo a uma lógica *dialética* de oposição de interesses na sociedade global, e, de outro, uma forma de racionalização *formal* ou estrutural, obedecendo a uma lógica *analítica* de ordenação de elementos, subconjuntos e conjuntos de representações e conceitos pertencentes a tal universo cultural. A racionalização *ideológica* possibilita a inserção da prática cultural no todo da sociedade. A racionalização *formal* oferece à prática cultural o conjunto de regras ou o *método* que lhe permite circunscrever os limites do seu objeto e definir a relação cultural específica que a liga ao mesmo objeto.

3.5. O *universo cultural* delimita, assim, no todo social, o que se pode denominar um *lugar de linguagem*, ou um lugar onde se articulam linguagens socialmente significativas ou reconhecidas como tais. Nesse sentido, o *universo cultural* é um *sub-sistema de sinais* dentro do *sistema global* no qual a sociedade encontra as formas possíveis de mediação social numa determinada época. A *semântica* dessa linguagem, enquanto *linguagem de cultura*, diz respeito sobretudo à sua racionalização *ideológica*, ao passo que a sua sintaxe obedece às regras da sua racionalidade formal. A pragmática da linguagem de cultura obedece às regras de uso acessíveis, em princípio, a cada membro do corpo social.

3.6. Se levarmos em conta a pluralidade dos *universos culturais* que constituem o mundo da cultura contemporânea e a impossibilidade de reduzi-los a uma unidade, seja *ideológica*, seja *formal*, que permita falar de um hiper-universo, ou de um *universo de universos*,⁴ somos obrigados a admitir que a cultura contemporânea apresenta um aspecto pluriversal na forma de constelações mais ou menos arbitrárias de *universos culturais*. Tanto ao nível da racionalidade *ideológica* quanto ao nível da racionalidade *formal* as relações entre os vários universos culturais permanecem problemáticas e sujeitas a uma larga margem de indeterminação. Os universos culturais se relativizam mutuamente segundo as diversas formas de interação que entre eles têm lugar.

4. Como foi anteriormente assinalado, uma teoria da cultura contemporânea como um todo não parece ainda possível, embora a exigência dessa teoria permaneça como um desafio maior: a tarefa designada por Hegel à filosofia, de ser o "seu próprio tempo apreendido em pensamento" (Phil. des Rechts, Vorrede), impõe-se como um destino irrevocável a uma civilização que, como a nossa, elevou-se ao nível do que Ch. Morazé denomina "a humanidade refletida" (*La logique de l'Histoire*, Paris, 1967, 289 segs). Para a posição hegeliana do problema, ver Lima Vaz, H. C., *Cultura e Ideologia*, "Kriterion" 67 (1974), 23-59.

4. A tentativa de enumeração aqui proposta dos *universos culturais*, que formam a constelação da cultura contemporânea, não deve ser considerada exaustiva e admite a necessidade de se introduzir *sub-universos* que gozam de relativa unidade (ideológica e formal) no seio de determinado *universo cultural* (p.ex., os sub-universos que se formam dentro do *universo cultural tradicional*, cf. *infra*).

4.1. Temos, assim:

- o universo cultural da comunicação (U0);
- o universo cultural da pesquisa (U1);
- o universo cultural da profissão (U2);
- o universo cultural da organização (economia, política e sociedade) (U3);
- o universo cultural do lazer (U4);
- o universo cultural tradicional (religião, moral tradicional, tradições e costumes populares) (U5).

4.2. A integração entre os *universos culturais* se faz segundo as necessidades e tendências que se manifestam na sociedade global. De acordo com essas necessidades e tendências é possível definir níveis de interação com a predominância de um ou outro dos *universos culturais* que formam a constelação cultural da sociedade. Podemos distinguir aproximadamente:

4.2.1. — nível de interação *imediate*, em que predominam (U0), (U4) e (U5).

4.2.2. — nível de interação *global*, em que predominam (U2) e (U3).

4.2.3. — nível de interação *profunda*, em que predomina (U1).

4.3. (U0) apresenta-se como campo *total* de interação (relaciona-se com todos os outros universos culturais), uma vez que a cultura é essencialmente mediadora para a comunicação social. A comunicação entende-se aqui no seu sentido mais amplo, de modo que (U1), por exemplo, relaciona-se com (U0) na forma do *ensinamento*, da *divulgação*, etc...

4.4. (U1) apresenta-se como campo *fundamental* e determinante de interação, segundo a tendência profunda da cultura contemporânea que foi denominada (J. Habermas) "processo de cientificização",⁵ segundo o qual (U1) transforma em objeto todos os outros universos culturais.

5. *Verwissenschaftlichung*: ver Schulz, W., *Philosophie in der veränderten Welt*, 2.^a ed., Pfullingen, 1974, 17-245.

4.5. (U2) e (U3) apresentam-se como um campo de interação marcado pelo sentido da *eficácia*, tendo em vista os objetivos da sociedade global e a adequação das *capacidades* individuais a esses objetivos.

4.6. (U4) e (U5) apresentam-se como um campo de interação marcado pelo sentido da *espontaneidade* tendo em vista sobretudo o atendimento das *aspirações* subjetivas dos indivíduos.

4.7. No campo de interação determinado por (U1), a interação se faz predominantemente segundo o nível de racionalidade *formal* (transformação de todo objeto de cultura em objeto de *pesquisa*, segundo as normas da metodologia científica).

4.8. No campo de interação determinado por (U2) e (U3), a interação se faz predominantemente segundo o nível de racionalidade *ideológica*, no sentido de fazer corresponder aos interesses dominantes na sociedade global um *sistema de cultura* (segundo as mediações fundamentais do *trabalho* e da *organização*) capaz de legitimar e justificar esses interesses.⁶

4.9. No entanto, não há um campo de interação dominado exclusivamente pela racionalidade *formal* ou pela racionalidade *ideológica*. A racionalização *formal* tende a assumir uma feição *ideológica* como *crítica* dos universos culturais existentes (na relação de (U1) com os outros universos) e a racionalização *ideológica* tende a assumir uma feição *formal* (na relação de (U2) e (U3) com os outros universos), na forma de um *sistema* de conceitos e representações adequados aos interesses dominantes na sociedade global.

5. Situação Cultural da Universidade

5.1. O fato fundamental, a ser levado em conta aqui, é o percurso histórico da instituição universitária a partir do seu aparecimento no contexto de uma sociedade que obedecia a um modelo cultural *universal*, ou seja, no qual a cultura se estruturava em função de um único centro, propiciando a formação de um *universo* de cultura (como a referência teológica no modelo cultural da sociedade medieval). Os diversos domínios de cultura não chegavam a se constituir em *universos* e ocorria, assim, uma identificação de *fato* da racionalidade *ideológica* e da racionalidade *formal*. As origens históricas da Universidade se prendem a esse modelo cultural *universal*, mas ela sobreviveu a tal modelo e encontra-se inserida hoje (não sem dificuldades e problemas) num modelo cultural *pluriversal*, ou seja, que admite uma constelação de uni-

6. Sobre "organização" e "ideologia", ver Kolakowski, L., *El hombre sin alternativa* (tr. esp.), Madrid, 1970, 26-33.

versos culturais no sentido acima explicado, e que é justamente o modelo cultural da sociedade contemporânea.

5.2. Nesse percurso histórico a Universidade atravessou diversas crises. Na sua raiz está talvez o fato de que, no momento em que a cultura ocidental passava a assumir a estrutura de um modelo cultural *pluriversal* (com as sucessivas revoluções científica, técnica, econômica, política), a Universidade permanecia ligada ao modelo *universal* (como o seu nome ainda hoje indica), e assumia uma feição nitidamente conservadora e reacionária.⁷ Em consequência, a Universidade tradicional é suprimida pela Revolução e novos projetos de Universidade ou de ensino superior são propostos, dos quais o mais célebre é a idéia humboldtiana de Universidade que se concretiza na Universidade de Berlim, e domina até recentemente todas as tentativas de reforma universitária.⁸

5.3. Não obstante, a Universidade não chega a questionar radicalmente as suas origens históricas ligadas a um modelo cultural hoje desaparecido, embora a sua realidade efetiva não recubra mais o conceito que originariamente a exprimia. Com efeito, hoje seria mais adequado falar de uma Pluriversidade, se observamos que todos os *universos culturais* nela se concentram em projeção reduzida, e ela reflete exatamente, na sua escala própria, as interações entre esses universos que tem lugar na sociedade global. Ora, essas interações não permitem a constituição de um modelo coerente de cultura de tipo *universal* e a Universidade de hoje vive esse paradoxo de uma intenção *universal* no que diz respeito ao mundo da cultura, dentro de uma realidade cultural de caráter *pluriversal*. De um simples ponto de vista quantitativo esse paradoxo salta aos olhos, pois o modelo *universal* (permitindo a identificação de *fato* da racionalidade *formal* e da racionalidade *ideológica*) é essencialmente hierárquico (referência a um único centro) e nele a produção e a distribuição social do saber reflexo (fim da Universidade) assumem um caráter seletivo extremamente rígido com relação aos indivíduos que a exercem.⁹ Uma "aristocracia da inteligência" é o reflexo social necessário de uma Universidade que reflete, por sua vez, um modelo *universal*. A explosão populacional universitária recente é o sinal mais gritante da passagem a um modelo *pluriversal* de cultura. Ela impõe à Universidade atual problemas provavelmente insolúveis dentro da sua concepção tradicional.¹⁰

7. Ver Gusdorf, G., *L'avènement des sciences humaines au siècle des Lumières*, Paris, 1973, 172-196.

8. Ver Habermas, J., *Vom sozialer Wandel akademischer Bildung*, ap. *Universität und Universalität*, Berlim, 1963, 165.

9. Ver Le Goff, J., *Les intellectuels au Moyen-Age*, Paris, 1957, 193.

10. Ver de Certeau, M.-Julia D., *Misère de l'Université*, "Études", Avril 1970, 522-544; de Certeau, M., *La culture au pluriel*, Paris, 1974, 111-137; id., *La prise de parole*, Paris, 1968, 85-134.

5.4. Muitos desses problemas (institucionais, econômicos, sociais, políticos) formulam-se no domínio do que se poderiam denominar os fins *extrínsecos* da Universidade, ou seja, os fins da sociedade global que institui a Universidade. Não os enumeraremos aqui. É dentro dos seus fins *intrínsecos* ou especificamente *culturais* que a Universidade se apresenta como lugar privilegiado onde se refletem os problemas de uma cultura obedecendo a um modelo *pluriversal*. Isso porque a destinação da Universidade continua sendo a produção e a distribuição social da forma de cultura que é o saber *reflexo* (cultura superior), que a sociedade reconhece como a forma mais alta ou mais eficaz de mediação cultural. Um extraordinário entrecruzamento das interações entre os *universos culturais* e os seus níveis de racionalização (*ideológico* e *formal*) torna o problema da significação cultural da Universidade uma espécie de modelo reduzido (mas guardando o mesmo grau de complexidade) dos problemas fundamentais da cultura contemporânea.

5.5. Podemos encontrar, assim, na Universidade, os níveis de interação *imediate, global e profunda* que acima assinalamos. Mas parece importante assinalar, aqui, o seguinte: na medida em que a cultura contemporânea tem como campo fundamental e dominante de interação o campo de (U1), ou na medida em que está submetida ao "processo de cientificização", a Universidade (pela sua finalidade intrínseca) passa a situar-se no centro desse processo ou a situar-se inteiramente nas linhas de força desse campo de interação. Nela, o nível de racionalidade *formal*, predominante em (U1), tende a assumir uma feição *ideológica* não já de *justificação* dos interesses dominantes na sociedade global, como era o caso na Universidade instituída por uma sociedade obedecendo a um modelo cultural *universal*, mas de *crítica* desses interesses, crítica propiciada pelo caráter essencialmente questionante e livre da *pesquisa*. Tal função crítica está em contradição com os fins explícitos da Universidade: enquanto instituída ou regulada pelo poder dominante na sociedade (pelo Estado), ela deve obedecer à predominância da racionalização *ideológica* característica de (U2) e (U3), oferecendo idéias e profissionais qualificados a serviço do *status quo* social. Por esta razão, na Universidade (enquanto organização para a formação de quadros profissionais) o nível de racionalidade *ideológica* que é característica de (U2) e (U3) tende a assumir um caráter *formal*, reforçando na Universidade o que se chamou a sua função *sistêmica*, ou a função de reforço do *sistema* de representações e valores dominantes na sociedade global. Não será, sem dúvida, no contexto reduzido do problema da Universidade, mas no contexto do problema da cultura contemporânea em toda a sua extensão, que essas oposições poderão ser formuladas adequadamente e receber tentativas de solução.

5.6. O problema da Universidade Católica (aqui também exclusivamente no terreno cultural) acrescenta um dado a mais nesse quadro já complexo. Com efeito, a idéia da Universidade Católica está ligada à idéia originária de Universidade no contexto do modelo *universal* de cultura da Idade Média. Dentro do atual modelo *pluriversal* a Universidade Católica pretende atribuir um lugar fundamental e determinante a um sub-universo de (U5), ou seja, à religião católica institucionalizada na Igreja, que se torna também o grupo social instituidor da U.C. De fato, porém, no modelo *pluriversal* o campo de interação *dominante* se estabelece ao nível da interação que denominamos *profunda*, e que é determinado por (U1). A racionalidade *formal* desse campo passa a assumir um caráter ideológico *crítico* com relação ao sub-universo de (U5) representado pela instituição eclesial. (U5), por sua vez, tende a conferir uma feição *formal* à racionalidade *ideológica* que o justifica, feição formal aqui explicitamente *dogmática* (ou *axiomática*, em termos de lógica moderna) e que é representada pela *teologia* (ver discussões da última reunião da ABESC sobre "Teologia e interdisciplinaridade").¹¹ Esse o tipo de contradição próprio da Universidade Católica que vem somar-se à contradição a que ela está igualmente submetida como Universidade no contexto de um modelo *pluriversal* de cultura.¹²

11. Ver Lima Vaz, H. C., *Teologia e Interdisciplinaridade*, "Atualização Teológica", 54/55 (1974), 285-291; Taborda, F., *Teologia e Ciência no diálogo interdisciplinar*, REB, 34 (1974), 824-839.

12. Trata-se, evidentemente, de contradições dialéticas cuja "supressão" suporá, no terreno da *reflexão* da cultura em forma restitucionalizada (no terreno do ensinamento superior), o aparecimento de um tipo novo de Instituição em que as interações entre "universos culturais" que tem lugar num modelo "pluriversal" de cultura, possam *refletir-se*, por sua vez, adequadamente. Nesse caso a Universidade — então Pluriversidade — estará apta a assumir plenamente a sua parte — decisiva — na busca, pela sociedade global, de uma forma unitária superior de cultura: em suma, de uma *nova cultura*.